REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 882

30 DE JUNHO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA

A arte de musica em Lisboa

QUANDO — e muitos annos assim foi — os que de um pouco d'arte haviam sede só encontravam para satisfazel-a os *dós* de peito altamente pagos dos tenores em S. Carlos, quanta gloria nos era desconhecida, quanta obra prima immortal ainda para nós não tivera aurora!

Os tempos mudaram, não tanto como seria para desejar, mas já nos não envolve a noite escura da ignorancia, que sabemos os nomes pelo menos de alguns astros de primeira grandeza e mais ou menos por onde param no céo dos artistas.

Enthusiastas encetaram a campanha e hão de leval-a a cabo.

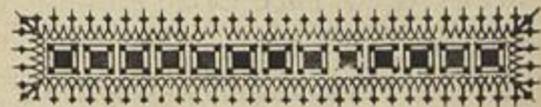
Vão agora na vanguarda para a lucta duas senhoras altamente collocadas na sociedade de Lisboa, deixando commodidades que lhe dariam sua riqueza e posição para, mais ainda do que artistas, se revelarem apostolos.

Não ha em Lisboa quem se interesse pela arte e não conheça os nomes das sr.as Condessa de Proença a Velha e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.

Não morrem os homens de sciencia, porque não morre o bem que fizeram; não morrem os artistas, porque vivem nos corações que lhes dão vida e vivem d'elles. Aquelles que nos deixaram um pouco de sua alma vemol-os resuscitando sob os milagrosos dedos da pianista eximia, ouvimos-lhe novamente sua paixão a queixar-se, seus gritos de victoria e seus desanimos. Discipula de Vianna da Motta e de Rey Collaço, a sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso reune a uma excellente escola todo o poder de execução que é dom unicameute das almas que sabem sentir.

A sr.ª Condessa de Proença a Velha tornou notaveis em Lisboa seus concertos de canto, em que tomam parte suas discipulas. Cantora eximia não se contenta com glorias proprias e quer generosamente que algum fructo perfumado fique de seu talento. Compositora, com o modesto pseudonymo de Grisalde ouviu os primeiros applausos; critica musical tem publicado sobre musica algumas obras de muito valor.

Que bello exemplo dão estas senhoras, que no caminho santo do Bem encontram tanta gloria!

D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROSO

CHRONICA OCCIDENTAL

No sabbado 27 foi lançada ao Tejo, com a solemnidade do estylo, a canhoneira *Patria*, construida no arsenal de Lisboa, correndo as despezas por conta de subscriptores portuguezes residentes no Brazil.

Na ante-vespera realisára-se a ceremonia da benção, que foi lançada por monsenhor Sant'Anna, capellão da armada, tendo a procissão sahido da capella de S. Roque, no Arsenal.

Mais uma vez demonstraram os portuguezes, tão longe da terra em que nasceram, que não se lhes apaga com a ausencia um dos mais naturaes sentimentos de alma humana. Sempre que Portugal soffra na sua pequenez, sempre que precise do amparo de seus filhos para encaminhar seus passos, é contar que o primeiro brado a animal-o vem de longe, atravez dos mares, vem dos nossos irmãos que em terras brazileiras labutam honradamente, cheios de esperança, ateando com a saudade o amor da patria que deixaram.

Nobilissimos exemplos nos teem dado, e não ha d'elles duvidar, que certo é o dictado latino: *Amicus certus in re incerta cernitur.*

Se a distancia tem o condão extraordinario de reforçar ecos de alegria e cada brado jubiloso nosso é entre os expatriados repercutido com centuplicada intensidade, verdade é para archivar-se que um só luto não tivemos que d'elles não recebessemos a condolencia, uma só dôr não padecemos que d'elles nos não chegasse, rapida e commovente, a maior das consolações.

A ausencia faz d'estes milagres e não ha quem ignore a quadra popular que se lhe refere, comparando-a ao vento que apaga as chammas pequenas e ateia os grandes incendios. Não levassem os portuguezes comsigo, dentro em seus corações um fundo amor á terra que se vêem forçados a abandonar, e como depressa a haviam esquecido!

Mas se tantas raizes aqui deixaram, que lagrimas de paes, de mães, de parentes, de noivas ás vezes, molham constantemente para que a flôr sempre viceje e longe vá seu perfume!

Um sonho os levou; feliz d'aquelle que o vê transformado em realidade e, passados annos, havendo encontrado uma terra hospitaleira, volta para os seus abençoando o seu trabalho e dos seus abençoado!

Outros e outros, muitos lhes seguem os passos e vão mar em fóra na mesma esteira. Infelizmente nem sempre a mesma estrella os protege. Na lucta pela vida só encontram estradas cheias de espinhos e brevemente no coração lhes penetra o desespero.

Mais corrosivas são então as lagrimas e mais fundas as saudades.

Não foram felizes os actores que ultimamente andaram pelo norte da republica brazileira fazendo seu giro artistico. Lá ficaram tres, victimados pelas febres: o Ramalhete, o Baptista e o Franco, chorados agora pelos seus companheiros, por sua familia, a cujo amparo quizeram valer lá por tão longe procurando o.

O resto da companhia chegou uma d'estas manhãs a Lisboa, vindo encontrar quasi todos os theatros fechados, como é de uso no pino do verão, em que a cidade principia a entristecer. Apenas o Colyseu continua com sorte e não menos sorte tambem o theatro da Avenida, onde foi posto em scena com excessivo luxo o *Monoculo do Averno.*

Aos dias santos enche se de gente a feira de Alcantara, com suas tradicionaes barracas de quinquilharias, queijadas, cafés de camareiras, cavallinhos de pau, comes e bebes, lotarias, jogos e muitos theatros e titeres com uns continuados e bulhentos reclamos, toques de tambor e de realejo, charangas desafinadas e pomposos discursos dos emprezarios.

E' pouco para uma grande cidade, mas o verão já nos tem habituado a esta falta de recursos.

A noite de S. João foi a primeira que, depois de tão prolongado inverno, se nos mostrou pelo calor e limpidez da atmosphera, digna da tradição.

Já não foi sem tempo que as nuvens se foram. E vamos com Deus que a despedida não foi má de todo.

S. Pedro seguiu o exemplo de S. João e foi como elle brilhante. Festejaram-os em Lisboa com muito foguete, muito balão, muita bomba, valverdes, pistolas, fo-foros de côres, e uma ou outra pinga a mais na Praça de Figueira.

Vai entrar o mez de julho; começa muita gente a sahir.

Já é muito maior o movimento em todas as linhas dos arredores de Lisboa e a sociedade elegante já não ha vêl-a nos sitios que de preferencia frequenta na temporada de inverno.

Para alguns até lhes parece vergonha mostrarem-se em Lisboa, quando já Cintra e as terras balneares começam a dar maior trabalho aos criados dos hoteis, n'uma azafama desde manhã até á noite.

E' tal a ancia de procurar outros ares mais puros e aguas mais frescas que até dois reclusos da Casa das Monicas se lembraram um d'estes dias de ir correr terras, o que seria muito digno de elogio e mais uma prova seria muito para apresentar do genio aventureiro dos portuguezes, se elles não tivessem para isso dado previamente um sopapo na gaveta do thesoureiro.

Com que tristeza elles se veriam apanhados nas Caldas da Rainha, exactamente quando andavam alargando o bofe n'uma divertidissima burricada!

Monicas outra vez para elles quando para outros rapazes está soando a boa hora das ferias!

Exames! .. Mas primeiro os exames!... Que maus bocados são estes para os estudantes, para os ainda mais atormentados paes!... Questão de trabalho, questão tambem de sorte!.. Desde pequenos que ella quer bem a uns, quer mal a outros. Ha até os que já desesperam, porque atravessaram todo o verão da vida sem um Santo Antonio sem um S. Pedro, sempre debaixo de temporal.

Raros são os que n'este tempo não andam mais ou menos apoquentados, alguns até desgostosos.

Tudo o que se refere a estudos interessa a todos e por isso se tornou digna da maior attenção a conferencia realisada no Centro Regenerador Liberal pelo sr. dr José Maria Rodrigues, auctoridade no assumpto, pois que foi por muitos annos, reitor do Lyceu de Lisboa, cargo que soube exercer pondo-se acima de toda a discussão.

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

A conferencia do sabio lente da Universidade e professor do curso superior de letras esteve muito longe de ser um panegyrico á instrucção em Portugal. Se, depois do pão, como dizia François Guex, citado pelo conferente ao principiar seu discurso, a educação é a primeira necessidade do povo, que triste é concordarmos com as conclusões a que chegou o sr. Dr. José Maria Rodrigues!

Citaremos suas ultimas palavras que de todos exigem um esforço: «Previsto o perigo, é um dever sagrado procurar evital-o; conhecido o mal, seria um crime de lesa patria não lhe applicar o remedio.»

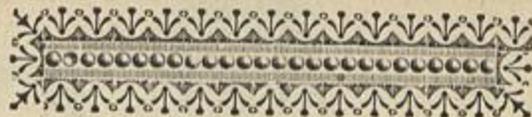
Os tempos são de paz; para elles é este gravissimo assumpto.

São de paz, que até o que mais a perturbára ultimamente se acha porfim resolvido e parece que a contento de todos ou, pelo menos de quasi todos.

Referimo-nos ás gréves do Porto e accordo a que finalmente chegaram os operarios e capitalistas.

Noticias de paz tambem nos chegam de toda a parte; mas d'essas algumas, pelo menos, havemos de pôr de molho.

Pedro I já deu entrada na sua capital, mas aquella unanimidade de enthusiasmo falada pelos primeiros telegrammas, parece não ser tão verdadeira como a cantavam. O filho bastardo de Milan é titulo d'um novo capitulo e ainda ninguem sabe quantos vai ter este romance, que promette ser em muitos volumes, da realeza na Servia.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

Por muitos motivos merece o sr. dr. José Carlos Rodrigues a gratidão dos portuguezes, porque, em terras de Santa Cruz elle é um dos seus mais strenuos defensores e amigo, pugnando sempre pela grande colonia portugueza, na imprensa do seu paiz.

Jornalista e publicista de raça, desde 1869 que pertence á redacção do Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, como correspondente do mesmo, nos Estados Unidos do Norte, e desde 1890 que é um dos proprietarios da mesma folha, propriedade que elle e mais vinte e tres socios adquiriu por 3.000:000$000 contos de reis fracos, ficando seu unico socio solidario e gerente, além do exclusivo de director do jornal.

A imprensa é o seu elemento, e n'ella tem exercido actividade incansavel desde os tempos de estudante, pois que, ainda na escola de preparatorios de D. Pedro II, tendo apenas 13 annos de idade, fazia um jornalsinho intitulado *O Gentio*, e quando na Universidade de S. Paulo, durante o curso, collaborava no *Correio Paulistano* e em varias folhas academicas.

Esta foi a sua iniciação na imprensa, mas que enorme bagagem não possue o sr. dr. José Carlos Rodrigues ao cabo de tantos annos decorridos. A simples innumeração de suas obras basta para avaliar do seu grande trabalho e vastos conhecimentos. Assim temos: *Constituição do Imperio do Brazil; Repertorio Constitucional;* oito obras sobre instrucção publica de que mencionaremos, *Chrestomathia da lingua ingleza* precedida de uma longa e erudicta introducção sobre as origens e historia da lingua e litteratura ingleza; o *Novo Mundo*, publicado, quando nos Estados Unidos do Norte; *The Panamá Canal*, publicado em Londres, no *Times*, e depois em livro; e outras, não contando a sua assidua collaboração como correspondente de muitos jornaes do Brazil e no estrangeiro.

Se a isto juntarmos importantes commissões que tem desempenhado no seu paiz e fóra d'elle, com rara competencia, teremos em poucas linhas, que o espaço mais não nos permitte, esboçado o valor moral do sr. dr. José Carlos Rodrigues, a quem o Brazil tanto deve, e não pouca gratidão nosso paiz.

Um facto recente mais justifica a homenagem que hoje prestamos no OCCIDENTE, publicando o retrato do illustre jornalista director do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, e é a defeza que elle sustentou, no seu jornal, sobre os vinhos portuguezes na questão da analyse feita no Laboratorio do Rio de Janeiro.

Foi tão importante essa defeza e tanto concorreu para o triumpho da causa, que os viticultores portuguezes assim o comprehenderam e entenderam dever testemunhar seu reconhecimento ao sr. dr. José Carlos Rodrigues.

Um grupo de viticultores portuguezes por iniciativa da *Folha de Torres Vedras* de que é director a sr. dr. Silverio Botelho de Sequeira, offereceu ao illustre jornalista brazileiro uma pena de honra, por intermedio do ministro portuguez, no Brasil, sr. Camello Lampreia.

A pena é uma obra d'arte de ourivesaria. Decorada com uma graciosa figura da viticultura erguendo um cacho d'uvas, esta figura pousa sobre uma esphera com a legenda brasileira *Ordem e Progresso*. No verso está o escudo das armas portuguezas e ao longo da pluma lê-se a seguinte dedicatoria: *Ao Eminente jornalista fluminense, dr. José Carlos Rodrigues. Dos viticultores, por iniciativa da Folha de Torres Vedras. — Portugal.*

Esta pena foi acompanhada de uma mensagem firmada por grande numero de assignaturas, e mettida n'uma rica pasta.

E' justa a homenagem prestada pelos viticultores portuguezes, e muito deve penhorar o eminente jornalista amigo de Portugal.

PEDRO KARAGEORGEVITCH

Novo rei da Servia

Como dissemos no nosso numero anterior foi este o novo rei eleito para occupar o throno da Servia.

PEDRO KARAGEORGEVITCH

É filho mais velho de Alexandre, antigo principe reinante, e nasceu em Belgrado a 29 de junho de 1844.

De 1858 a 1861 estudou em Genebra, depois em Paris, em Saint-Barbe. Em 1862 entrou para Saint-Cyr, d'onde saiu official em 1864, seguindo a escola de applicação de Metz, escola de Estado-Maior, até 1867.

Em 1870 alistou-se como simples soldado do exercito francez, tomando parte na guerra allemã, na qualidade de voluntario da legião estrangeira, no 15.° corpo do exercito, até á 2.ª tomada de Orleans, sendo mais tarde addido ao estado maior da 1.ª divisão do 18.° corpo.

Depois da batalha de Vellersexel foi condecorado com a Legião de Honra.

Toda a campanha contra a Prussia esteve ao lado da França, combatendo com coragem e dedicação notaveis.

Dois dos seus sobrinhos, alistados ao mesmo tempo que elle, morreram ao seu lado em Orleans.

Pedro Karageorgevitch casou com a filha mais velha de Nicolau Petrovich, principe reinante do Montenegro, sendo por essa razão cunhado do rei de Italia.

O novo rei da Servia nunca deixou de fazer valer os seus direitos áquelle throno, e por varias vezes esteve para ser victima das conspirações dirigidas contra elle e contra os outros membros da familia.

Diz-se que em 1859, quando habitava em Paris na avenida Montaigne com um dos seus irmãos e um perceptor, se apresentara ali um vendilhão a offerecer cerejas.

Seu irmão mais novo deixou-se seduzir pelo tentador fructo e decorrido algum tempo expirava victima do envenenamento, que por aquelle meio, lhe haviam propinado os seus inimigos.

Em 1875 tomou parte na insurreição da Bosnia e Herzegovina contra os turcos, chegou a organisar corpos de insurrectos, mas teve a prudencia de abandonar a insurreição quando a Servia e o Montenegro entraram na lucta.

Ao principiar a insurreição dirigiu uma carta ao rei Milan, convidando-o a pôr de parte as suas rivalidades dynasticas e a fazer causa commum em favor da Bosnia-Herzegovina, terra servia por excellencia, porém Milan não respondeu.

Casando em 1883 com a princeza Zorka, filha mais velha do principe Nikito do Montenegro, ahi se conservou até 1894.

D'este enlace houve Pedro Karageorgevitck tres filhos: Helena, nascida em 1884, Georges, em 1886 e Alexandre, em 1889.

Enviuvando em 1890 seu sogro, que a principio se mostrara muito dedicado aos netos, pareceu de repente desinteressar-se do seu futuro e teve com Pedro uma contestação de interesses que obrigou este a deixar os estados de Montenegro e a estabelecer residencia em Genebra, mandando os filhos estudar para a capital da Russia.

Georges está actualmente na escola militar de cadetes do Tzar Alexandre, em S. Petersburgo; Alexandre na escola civil do principe de Oldenburg.

Os dois jovens principes são muito estimados na Russia, especialmente por suas tias maternas a princeza Militza, casada com o grão-duque Pedro Nicolaievitch, e a princeza Anastacia, casada com o duque Georges de Leuchtenberg.

A propria rainha Helena nutre grande sympathia por elles, tendo por varias vezes convidado os filhos de Pedro Karageorgevitch a passarem as ferias na sua companhia.

Diz-se que o actual rei da Servia foi immensamente rico mas dissipou toda a sua fortuna.

Seu irmão, o principe Arsenio Karageorgevitch, mora em Paris, na rua Combon; um dos seus primos o principe Bogidar mora na avenida do Bosque de Bolonha.

O novo soberano servio conta 59 annos. E' neto de Georges Karageorgevitch que, em 1844, dirigiu a primeira insurreição contra os turcos.

O anno passado Pedro dirigiu um appello ao povo servio, incitando-o a erigir uma estatua a Kara Georges, na Servia.

Em alguns pontos da Servia, como em Tapola, berço da dynastia dos Karageorgevitch, a popularidade e o culto por ella tem-se conservado sempre inalteravel, da mesma forma que em Takovo se conservava a popularidade e o culto pela dynastia, dos Obrenovitch.

Real Officina de S. José no Porto

Alvorota-me sempre a ideia de educar e instruir a mocidade, por ser essa a base mais solida e previdente das sociedades; solida porque saber-se o que se faz é contar com o resultado; previdente porque ter a certeza do resultado é precaver-se do desestre e não perder forças em trabalho inutil.

Todo o ser, regularmente constituido, tem em si os elementos de vida, de goso, de bem estar; o homem, o primeiro dos seres creados, é o que, mais em especial e em maior escala, possue esses elementos de vida, o que melhor pode usar e dispôr d'elles em seu beneficio e proveito.

Entretanto a humanidade soffre muito, a desgraça é grande, a miseria alastra-se desapiedadamente, e seus gemidos dolorosos vem perturbar o goso dos que vivem mais felizes no seu seio.

D'ahi nasceu a caridade por um sentimento bom de acudir a esses gemidos, de os fazer cessar, de todos viverem satisfeitos.

Comtudo, por mais que a Caridade amplie a sua acção beneficente, não consegue extinguir todo o mal, chegar a toda a parte onde a miseria se debate nas garras do desconforto de toda a especie, ou do vicio destruidor.

Varias causas determinam este estado social. Além das insanaveis devidas a effeitos naturaes, organicos, outras constituem o grande problema que n'este ligeiro escripto não podemos desfiar, mas que todas tem sua origem na principal, que é a educação, a instrucção.

Sim, attentar n'esta é achar a razão de todas as outras, e, se curar e causa é destruir os seus effeitos, o educar, o instruir é o problema que convém resolver, ainda que para isso se esgotem todos os thezouros do mundo, que para outra cousa não devem servir que para o bem estar social.

Eis ahi a grande Caridade, a que fizer de cada homem um independente pelo seu saber, pelo seu trabalho. Eis porque a escola deve ser o primeiro cuidado de todos, onde se eduque e instrua, onde se prepare a humanidade para a grande lucta contra a miseria.

Abençoados, pois, todos que militam n'esta crusada redemptora.

Não bastam as escolas officiaes, onde os governos dispendem algumas mealhas do orçamento do Estado, muito especialmente em nosso paiz, onde essas escolas são, em geral, uma irrisão. Não bastam as escolas particulares, em geral, estabelecimentos mercantis, onde o sacerdocio acabou, onde mal se educa e peior se instrue segundo os programmas officiaes, e onde só os filhos dos ricos podem ter entrada. Não bastam as escolas de ensino livre, onde, apesar do pomposo do titulo, o ensino tem todos os defeitos das outras escolas, perdendo algumas das qualidades d'aquellas.

É mister que os espiritos melhor formados, melhor orientados, venham educar e instruir os filhos do povo, quanto mais pratica e utilmente possivel, para que os resultados sejam tambem praticos e uteis para a sociedade.

N'este sentido tenho observado que, em geral, é nas escolas azylos que essa educação se ministra melhor, talvez porque seus instituidores, livres de peias officiaes e mais ciosos pelos resultados de suas instituições, animados do desejo de habilitar as pobres creanças a ganhar a vida, libertando-as da miseria em que jaziam, organisaram esses azylos educadores de forma que tanto atalhassem o mal presente como pravenissem o mal futuro.

Assim pensou D. João Bosco quando, em meados do seculo passado fundou na Italia a sua primeira escola para as creanças miseraveis.

Qual outro S. Vicente de Paula, era sua constante preoccupação as pobres creanças que elle via perdidas, sem educação nem ensino, vagueando nas ruas de Turin.

Não tardou que a ideia salutar de D. Bosco chegasse até á França e se estendesse pela Austria, Inglaterra, Belgica, Hespanha e Suissa, alcançaudo até á America do Sul.

Só trinta annos depois chegou a Portugal essa ideia, e quem a troxe foi um benemerito, que na onte de origem a foi beber, levado por seu espi-

REAL OFFICINA DE S. JOSÉ, NO PORTO — ESCADA EM CIMENTO ARMADO

DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

P.ᵉ SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS
Fundador e director da Real Officina de S. José, no Porto

rito bom, por seu amor de Caridade, tantas vezes retalhado o coração ao vêr desgraçadas creanças que a precocidade do crime levava ás enxovias da cadeia do Porto, onde elle ia ensinar-lhes a doutrina de Christo.

Foi o padre Sebastião de Vasconcellos, um inspirado do Senhor que, em 1880, fundou no Porto, a primeira escola azylo, conforme o plano de D. João Bosco, denominada Officina de S. José.

É bem de calcular — porque o fundador não alega seus serviços — quanto trabalho, persistencia e força de vontade, se despenderiam para que a nova instituição vingasse; mas decorridos tres annos a Officina de S. José estava installada em uma casa da rua de Traz da Sé, e em 1890 estabelecia-se em casa propria, na rua Alexandre Herculano.

No relatorio d'este pio estabelecimento, que temos presente, lê-se que, inaugurado o azylo «com oito creanças trazidas do seio de suas familias, onde viviam em grande miseria e orphãos de pae ou de mãe, estabelecera-se com estes elementos o modesto nucleo da instituição, indo mais tarde recrutar á praça publica e ás cadeias grande parte dos seus internados.

Vivendo da caridade publica, da dedicação innegualavel do seu fundador, a Real Officina de S. José no Porto, tem ido completando o seu programma educativo estabelecendo, além das aulas de instrucção primaria e de musica, officinas de sapateiro, alfayate, encadernador, marceneiro e typographica.

N'estas escolas e officinas tem sido admittidos desde a fundação 361 creanças, das quaes 265 já sahiram do azylo e ganham hoje sua vida honradamente, e 96 estão actualmente ainda internadas.

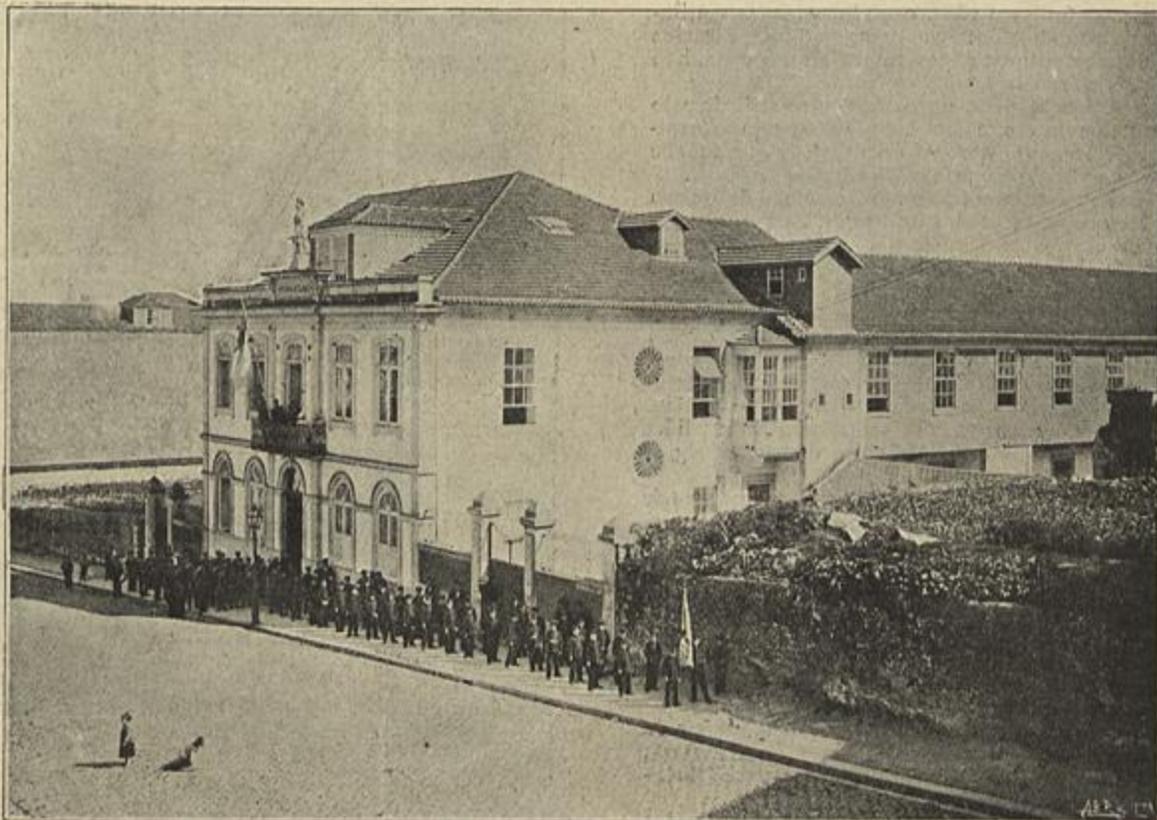
São, portanto, 265 individuos sequestrados á miseria e quiçá quantos ao crime!

No anno de 1902 as officinas deram um lucro liquido de 473$890 réis, não incluindo o trabalho que os internados fizeram em proveito proprio, como calçado, vestuario, moveis, impressos, etc.

Quantos mais resultados praticos se podem innumerar e que o relatorio, que estou respigando, aponta.

D'entre os 265 internados que ali receberam educação, contam-se os seguintes, seguindo suas honrosas carreiras:

Um sacerdote, professor no Seminario. Um bacharel, em theologia, professor de ensino livre. Um pensionista do legado Nobre, no 4.º anno do Lyceu. Quatro professores de instrucção secundaria. Um professor de musica. Um 3.º aspirante da Alfandega. Cinco mestres sapateiros. Quatro mestres alfayates. Quatro escripturarios de companhias. Seis officiaes inferiores do exercito. Um retratista; e varias praças do exercito, como musicos e simples soldados, a maior parte seguindo os seus officios que aprenderam na Officina de S. José.

Mencionarei ainda o internado Cypriano Gil, o qual tendo revelado grande disposição para a

REAL OFFICINA DE S. JOSÉ, NO PORTO — Vista exterior do edificio

REAL OFFICINA DE S. JOSE, NO PORTO — Interior do edificio e recreio — Grupo de internados

musica foi completar seu estudo no estrangeiro, para o que alcançou do governo o subsidio de 600$000 réis annuaes, mercê da protecção dos srs. conselheiro Pereira Carrilho, Abel d'Andrade e Eduardo da Motta Ribeiro, que se interessaram pelo pobre moço.

Estes resumidos dados estatisticos fallam por si e demonstram claramente a vantagem d'esta instituição e quanto a ideia de D. João Basco foi nitidamente comprehendida pelo digno sacerdote Sebastião de Vasconcellos, para quem o sacerdocio não é uma palavra qualquer, mas que exprime a observancia de obrigações e deveres a cumprir da mais elevada das missões, apostolar e propagar o bem, por todas as fórmas, com desprendimento do proprio interesse.

A installação da primeira Officina de S. José, no Porto, foi exemplo e incentivo para a sua propagação em Portugal, porque d'ahi derivam as que se teem estabelecido em Lisboa, Braga, Funchal e Vianna do Castello, mas o seu programma educativo estendeu a sua influencia a outras instituições semelhantes, embora sob differentes denominações.

Assim, encontram-se no paiz varios asylos-escolas de infancia, onde a instrucção primaria é acompanhada de educação religiosa e de ensino proffissional, habilitando assim os seus internados, de ambos os sexos, a saberem trabalhar e a adquirirem honrada e independentemente os meios de subsistencia.

Uma coisa desejariamos ainda vêr, n'estas escolas dos desprotegidos da sorte, já que os governos, absorvidos em mais altos problemas de equilibrio politico, a este assumpto não deitam suas vistas, e era o de se estabelecer para os internados melhor constituidos, um curso colonial, á semelhança, quanto possivel, das escolas coloniaes estabelecidas na Inglaterra e na Allemanha, e segundo creio, em via de se estabelecerem ou já estabelecidas em França.

Se a iniciativa particular não se mover n'este paiz, tarde se espere dos poderes publicos providencias que regenerem este meio social em que nos anniquilemos.

Parece ocioso encarecer as vantagens de taes escolas em nosso paiz, que tem seu mais valioso patrimonio e mais vasto futuro nas colonias.

Não será facil desde já estabelecer esse ensino, tão completo como lá fóra existe, mas alguma coisa que se faça, poderá ser util onde não ha nada.

E que melhor seria ensinar esses filhos do proletariado, bem educados do espirito e do corpo, a construir uma casa, um carro, ainda que rudimentar, a lançar uma ponte de madeira sobre um rio, a saber usar d'uma espingarda, a saber apparelhar um cavallo e a fazer os arreios, a saber preparar a terra e a lançar-lhe as sementes dos fructos de que se ha-de alimentar, emfim aquellas coisas mais indispensaveis para se estabelecer e acudir ás primeiras necessidades da vida, em paizes onde se não encontra nada feito.

Individuos assim preparados, melhor podem luctar com as difficuldades da emigração e angariarem a riqueza que procuram.

Quando o proletariado intellectual ameaça as sociedades pelo excesso de individuos habilitados com cursos superiores, que para nada lhe servem na pratica, pois que da sua instrucção não podem auferir meios de vida, quanto mais util é propagar por todas as fórmas a instrucção pratica, a que immediatamente utilisa o individuo e o habilita, quer no seu paiz, quer na emigração a desenvolver sua actividade com exito e proveito.

Esta ideia, que apenas fica esboçada, oxalá encontre quem a desenvolva e ponha em pratica, e seria mais um grande passo dado na regeneração do pobre povo, uma consolação para as almas bem formadas e que se empenham em conjurar tantos males que nos affligem.

Esta ligeira divagação, embora sobre o mesmo objecto, desviou-me, talvez, do assumpto principal d'estas linhas, mas que me relevem pela boa intenção, que de resto fallar das Officinas de S. José é repetir o que tantas vezes se tem dito, e ocioso enaltecer o que por sua natureza é bom e generoso como bom e generoso foi o santo homem que as instituiu. Bom e caridoso é tambem o que as introduziu em Portugal, o Padre Sebastião de Vasconcellos, que em sua modestia me prohibiu que fallasse d'elle, por que lhe basta a consciencia da sua boa obra e as bençãos e gratidão dos que elle tem salvado e vae arrancando da miseria e do vicio.

Caetano Alberto.

OS AMORES DE VIRGILIO

(LEWAL)

(Continuado do n.º 879)

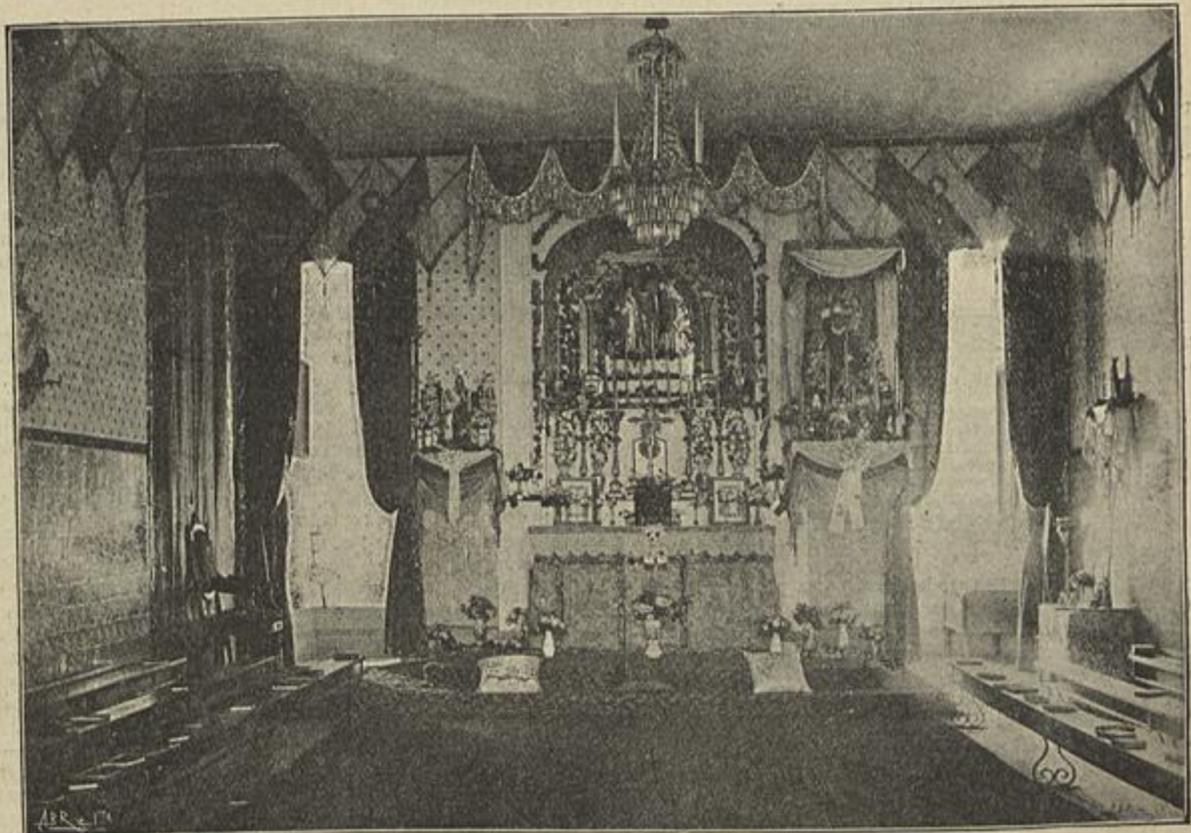
Virgilio conheceu muito cedo a influencia do amor. Na edade de doze annos seu coração se inflammou ao ver uma joven, que fez n'elle uma viva impressão.

«Nas nossas sebes, um dia,
Vi-te; pequena então eras;
E eu servia-vos de guia:
Tu com tua mãe colheras
Maçãs cobertas do orvalho.
Eu n'aquelle tempo havia,
Pelos dez annos, andar,
E, mesmo do chão, colhia
Já maçãs no ultimo galho
Das maceiras p'ra te dar.
Como te vi, desde essa hora
Comecei a andar assim;
A razão foi-se-me embora;
Nunca mais soube de mim!»

(Ecloga 8.ª) [1]

Ao ver esta donzella exclamou, como Dante na edade de nove annos, quando avistava Bice. Eu vi a esperança dos ditosos!

Io vi la speranza de beati

[1] A traducção em verso das Eclogas é de Coelho de Carvalho.

REAL OFFICINA DE S. JOSÉ, NO PORTO — A Capella

Principiando a amar, accrescentou como elle: *Ecce deus fortior me, qui veniens dominabitur mihi,*

Eis aqui um Deus, que exerce sobre mim todo o seu imperio.

Desde a origem d'esta paixão poderia ter previsto os desgostos que d'ella lhe provieram, como mais tarde o exprimiu.

> Ille dies primus lethi primusque malorum
> Causa fuit.
>
> «Mas, oh! dia fatal! o primeiro élo da longa cadeia de infortunios, o fecundo germen de todos os males.»
>
> (Eneida, liv. 4.º v. 169).

Mas na epoca d'esta primeira entrevista com a Niza, Virgilio nem ainda pensava no futuro. Só pensava na belleza d'esta encantadora creatura, cujo retrato desenhou d'um modo verdadeiramente oriental.

> «Oh Nerina Galatea!
> Mais doce que o mel p'ra mim,
> E que tomilho da Hyblea!
> Nem o cysne tem a alvura
> Do teu corpo, nem a pura
> Assucena é bella assim!»
>
> (Ecloga, 7.ª)

A moça bem depressa toda enlevos excita o amor do seu amante.

> «Galatea, essa travessa
> Rapariga, me atirou
> Com um pomo, e n'uma espessa
> Tamargueira se occultou.
> Muito embora me fugisse,
> Morria porque eu a visse.
>
> (Ecloga, 3.ª)

São brinquedos e amores de creanças, os presentes proprios da sua edade.

> «Tenho presentes guardados,
> Para a mulher a quem amo.
> Sei dos sitios frequentados
> Pelos pombos; sei o ramo
> Que preferem, e o cantinho,
> Onde vae fazer o ninho.»
>
> (Ecloga, 3.ª)

Passa a infancia. Virgilio chega á edade de 15 annos. Toma a toga viril, e publica um livro de poesias ligeiras. Vae continuar seus estudos para Milão, d'onde frequentes visitas fazia a Andes, pois que o seu amor crescia de parelhas com o seu genio. Depois de ter passado alguns annos em Milão, volta á sua aldeia com intuito d'ali ficar, não tanto para se occupar das letras, como para dar largas á sua paixão. Foi então que Niza correspondeu ao seu amor.

Os amantes iam conversar para junto das margens do Mincio sob a folhagem dos brancos choupos.

> «Quantas vezes, e que cousas!
> Galatea me tem dito!...
> Ventos d'azas pressurosas,
> Levae-as pelo infinito;
> Que, chegando em parte aos ceus,
> Possa ouvil-as algum Deus.»
>
> (Ecloga, 3.ª)

N'estes doces entretenimentos, em que os mutuos protestos d'amor não eram inquebrantaveis, muitas vezes a mão do poeta gravou um nome deveras adorado.

> ...«Irei gravando,
> Na casca de arvores novas,
> Sonhos do meu coração,
> Que com ellas crescerão!»
>
> (Ecloga, 10.ª)

Todos os seus pensamentos se concentravam na sua amante. Elle não pode passar um unico dia sem a vêr.

> «Por mais amargo eu me tenha
> Do que as hervas da Sardenha,
> Mais ouriçado de espinhos,
> Do que um ouriço cacheiro,
> Mais vil que os musgos marinhos,
> Se o dia não foi p'ra mim
> Mais longo que um anno inteiro!?»
>
> (Ecloga, 7.ª)

Virgilio está então no auge da sua paixão, como o indicam as passagens citadas.

Só um amante neophito, ardente e poeta era capaz de escrever estas prodigiosas obras primas de sensibilidade, de graça e amor: versos incomparaveis, que os amantes de Roma deveriam cobrir com mais ouro, do que Octavio deu pelo elogio de Marcello.

Esta foi a epoca feliz do poeta. O amor embellezava essa natureza já tão magnifica que o cercava.

> Omnia nunc rident.
> «Como tudo ri agora!»
>
> (Ecloga, 7.ª)

Já não pensava nos seus estudos, nos trabalhos serios que deviam illustrar o seu nome. Só se occupava de Niza, e os dois amantes da sua melhor fama deslumbrados.

> ...oblitos famae melioris amantis.
>
> (Eneida, l. 4.º v. 221).

Mas esta felicidade foi ephemera; desappareceu com a adolescencia do poeta. A celebridade, que já fruia o seu nome, impunh-alhe a obrigação de aperfeiçoar seus conhecimentos.

Tinha necessidade de sustentar as suas relações com seus poderosos protectores, e especialmente de estar nas boas graças de Augusto. Esta dupla necessidade o leva a fazer longas residencias em Napoles e em Roma.

Teve que abandonar essa doce sociedade, e separar-se da sua dama.

A separação foi dolorosa.

> «Eu amo a Phyleo; e quanto
> Mais que aos outros! porque vi
> Dos olhos correr-lhe o pranto,
> No momento, em que eu parti:
> Diziam-me os labios seus:
> — Oh formoso, adeus, adeus.»
>
> (Ecloga, 3.ª)

A ausencia perturbou a serenidade dos amores do poeta. A sua paixão não se modificou, antes augmentou; mas a da sua amante ia entibiando, porque a distancia, que os separava, não permittia a frequencia de visitas.

Inquieto com a frieza que ella lhe mostra, trata-a pelo nome de Alexo, afim de poder manifestar mais livremente o seu resentimento. Para avivar em Niza um amôr que vê apagar-se, emprega as expressões mais apaixonadas d'envolta com algumas queixas e lamentos:

> —Oh, Alexo cruel, cantos, e ais
> Que solto, não te importam; nem sequer
> De mim tens dó! Em fim, vêr-me morrer
> Acaso quererás?»
>
> (Ecloga, 2.ª)

Virgilio attribue este abandôno á sua pequena fortuna.

> «Tu desprezas-me, Alexo!?... tu nem queres
> Até saber quem sou;
>
> (Ecloga, 2.ª)

Procura então engrandecer-se aos olhos da sua amada. Fala das suas mil ovelhas. Gaba-se de seus versos e até de sua pessoa. Começa a despontar o ciume. Parece-lhe ser preterido por outro. Exalta a felicidade da vida campestre, e propõe á sua amante o entregarem-se ambos a ella, conforme o antigo costume. Promette-lhe muitas flores, e uma abundante colheita de fructos. Mas ella é já mulher.

(Continúa) *Lino J. F. da Costa.*

OS GOIVOS

Versos por M. Mendonça d'Oliveira.

E' um pequeno e elegante volume de poesias editado pela livraria do sr. José Bastos, antiga casa Bertrand. Uma prometedora estreia esta tentativa poetica comquanto o seu auctor deixe transparecer nos seus versos o profundo mal estar de um espirito para o qual já não ha illusões nem esperanças, n'uma idade em que o futuro se nos antolha mais replecto d'ellas.

Justifica o seu auctor o travor amargo do desconsolo que os seus versos fazem notar a quem os lê por estas palavras que veem em nota no fim do volume.

«Combatendo ainda mal equipado para a grande lucta pela vida e, assim, impellido na refrega aos sitios onde ella mais viva se fere; tendo que calar no intimo, bastas vezes! a voz das dôres, precocemente se me robusteceu o pensar, empolgou-me a melancholia: naturalmente concentre-me, fir-me meditativo; e, por uma vulgar evolução do pensamento, o problema da vida e, por connexão, o d'além tumulo, se me impozeram em toda a sua enormidade.

«D'então, comecei a ser mais fundo em deredor de minas, de prescrutar, de sondar»

Ao acaso citamos uma das suas poesias para que o leitor possa fazer ideia da grande concentração de espirito que todo o seu livro revella.

ASCETA

> Não mais suspiros e não mais lamentos;
> Sei, agora, o que aspira o nosso ser...
> A que nos levam esses mil tormentos
> Colhidos a cada hora no Viver...
>
> Nada desejo... nada peço ao mundo:
> Extinguiu me a vontade o Soffrimento...
> N'um quietismo santo, mui profundo,
> Sereno anceio pelo livramento...
>
> Pela só paz celestial do ser,
> Essa paz ineffavel do Não — ser.

Digamos alguma cousa do seu auctor que nos merece este registo especial pela estima que lhe consagra a empreza do *Occidente*.

Manoel Mendonça d'Oliveira é o filho mais novo do fallecido medico o dr. Antonio Nunes d'Oliveira e de D. Mathilde Mendonça de Oliveira, sendo a sua familia paterna de Marinha Grande, Leiria, e a materna de Faro, Algarve. Nasceu a 7 de janeiro de 1877 e tinha apenas 2 annos quando seu pae falleceu e 5 annos quando perdeu egualmente seu avô materno, o tenente coronel de artilharia e deputado da Nação, Joaquim Manoel de Mello e Mendonça que para com elle e os seus ficára fazendo as vezes de pae.

Auxiliado por um irmão mais velho fez o curso do lyceu e dedicou-se ao estudo e trabalhos de agrimensura tendo sido n'elles dirigido pelo sr. José Maria de Mendonça Sousa Vidigal, sob as ordens de quem primeiro serviu, tendo tido depois por chefe o sr. José Norton de Mattos.

Actualmente Manoel de Mendonça está ao serviço da Companhia de Moçambique na Beira, Africa Oriental, onde esteve servindo sob a direcção do sr. Bellegarde da Silva, quando director dos serviços de agrimensura da Companhia e que o tem na conta d'um habil e digno empregado.

Manoel de Mendonça conta hoje 26 annos de idade tendo sido agrimensor da Companhia de Moçambique desde 1899.

Pelo que se deprehende d'esta breve noticia o auctor dos «Goivos» não é apenas um poeta, é um homem de trabalho e de estudo, que dedica as horas que lhe deixam os seus trabalhos officiaes ao cultivo das lettras sem pretenção que d'ahi lhe advenha gloria, mas na convicção sincera de prestar um subsidio ao estudo da psychologia humana.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 881)

Quando se lhes esgotavam as recordações das grandezas e da ventura de outr'ora, apegavam-se ás reminiscencias da mocidade. Radnothy narrava as suas aventuras durante o seu periodo de estudante e o da sua carreira publica, e carpia saudades do extincto collegio de Nagy-Enyeder' do qual fôra alumno interno, e da supprimida mesa-regia de Basarhely-sobre o Máros, da qual fôra jurado. Esta cidade fôra tambem para Estevam o ponto de residencia da sua predilecção. Frequentára tambem em tempos as aulas em Nagy-Enyeder, e no espaço de quatro annos cursára duas classes; os mestres, comtudo, não o tratavam bem, increpando-o de falta de comprehensão, a ponto que azoou com o negocio, e disse adeus á escola. Depois veiu para Basarhely-sobre o Máros, onde esteve ao serviço de varios mancebos fidalgos, até que por fim o tomou por seu criado o senhor Radnothy, muito moço a essa data, do qual só o poderá apartar a sepultura. Alegrou-se o semblante a Radnothy; vibravam-lhe no coração as mais doces recordações da juventude, embalando-o mansamente, qual criança no berço. E para ali se ficaram a dar á lingua, sem destino. Trocavam a miude as datas e os nomes, altercavam, amuavam se, até que vinham ás bôas, e resolviam ir-se deitar, pois já era tarde; e que pela noite adiante lhes acudiria em sonhos aquillo que de dia lhes não occorrêra á memoria.

— Santo Deus! como corre o tempo! — observou Radrothy na noite de S. Sylvestre. — Lembras-te Estevam, faz hoje quarenta annos, que eu te tomei a meu serviço,

Eras um rapagão como uma torre, nédio e com boas côres.

— Ha quanto tempo isso lá vae! meu amo, e

dahi, não seria tanto como diz... retrucou o Estevam, mal-humorado, como se tentara encobrir fosse o que fosse ao amo.

— E aquelle meu amigo, o Janko, lembras-te, que vinha tanta vez a nossa casa? É como se o estivesse vendo; não havia em Nagy-Enyed estudante mais endiabrado, nem jurado mais levado da breca em Basarhely sobre o Máros. Nos seus tempos de estudante, aconteceu-lhe uma vez adormecer durante a lição; tive que lhe bater para o accordar, o professor chamara-o, era urgente ir á pedra e responder.

Levantou-se e caminhou para o estrado; o profesor mirou-o de fito. «Não o chamei,» lhe disse, mas, visto que aqui está, trate de responder. Ha! ha! ha!» O Janko não sabia uma palavra da lição. O professor repreendeu-o asperamente e mandou-o para o seu logar. Ha! ha! ha! em toda a sua vida nunca me póde perdoar a brincadeira. — Deus lhe dê eterno descanço, coitado! Durante o prazo em que exerceu as funcões de jurado, que partidas lhe não fizemos! Não me occorre agora nenhuma, vê se me ajudas Estevam, tens a memoria mais fresca.

— Já são horas de ir para a cama, meu senhor, as dez horas já lá vão, ha que tempos.

— Hoje é a noite de S. Sylvestre. Quem é que fala em se deitar cedo! N'outros tempos, entretinhamo nos até á meia noite, e ás 12 pancadas do relogio, davamos uns aos outros boas festas e o bom anno. Quando tu fôres d'esta para melhor, quem me desejará um feliz anno?

Estevam mirou o amo com tristeza; sentia-se doente, mal se podia ter de pé, mas não se atrevia a declará-lo, temendo inquietar a seu amo, e amargurar lhe o serão.

— Meu amo hade perdoar, mas dormi muito mal a noite passada, e necessito de descançar, — tartamodeou o Estevam, aprehensivo de que era a ultima vez que falava com seu amo; assoberbava-o a dôr, e desatou a chorar, beijando a mão ao amo agradecendo lhe os muitos beneficios, e pedindo a Deus que o tomasse á conta da sua divina bondade.

— Pois tambem tu me queres desamparar? exclamou, assustado, Radnoty.

— Eu! nem pensar nisso é bom, meu rico amo da minha alma! Mas quer-me parecer que, eu, exclamou, nesta edade a que cheguei, faço bem em me despedir, todas as noites, pois quem me diz, se estarei vivo de manhã?

— Se estarás vivo... amanhã! Terei pois que me achar sósinho á hora da morte? perguntou triste, Radnothy.

— Não diga semelhante coisa, meu rico amo, pois é mais moço e mais forte do que eu. E se eu morrer, nem por isso se achará sósinho; verá que a menina Elsbeth vem logo tratar de meu amo, a estas horas já estará arrependida do modo como procedeu, e á espera de uma palavrinha que a anime. Estou em dizer, até, coitada, que, se não lhe escreve, é porque não se atreve a fazê-lo. Tenha animo, meu senhor, que assim lh'o roga o seu velho Estevam, que nunca o inganou e que sempre lhe quiz mais do que a si proprio.

Intentava o dedicado servo ir dispondo pouco a pouco o amo a encarar o facto da sua doença.

Desejoso, dado o caso de que viesse a surprehendê-lo a morte, de olhar ainda por elle. Mal sabia em que se metêra, o coitado. Radnothy, assim que ouviu proferir o nome da filha, tomou-se de um accesso de ira, como porém se não achasse com forças para lhe facultar livre expansão, virou-se para o lado resmoneando:

«Tambem tu te manifestas em seu favor, mal agradecido! Vae te embora!

O Estevam nem se atreveu a abrir boca, e dahi, quem sabe até se o poderia fazer. Sentia que tinha procedido inconsideradamente, queria remendar o caso, e affastar se, nem forças tinha para se erguer e a muito custo lá se foi retirando amparado com a parede.

Radnothy, presentindo ruido, voltou se para a porta, que ficara incostada, aguardando o regresso do seu fiel criado. Neste comenos, soaram as onze, as doze, evanesceu se o anno velho e ninguem veiu a desejar lhe um auspicioso anno novo. Tão abandonado se sentia, que entrou com elle o terror de que esfriasse o aposento, a ponto, de elle ficar tolhido de frio; de bom grado dormiria, mas não podia conciliar o somno. Faltava-lhe alguma coisa: a mão sollicita que o ajudava a aconchegar-se no leito, aquelle semblante a que estava afeito, quarenta annos havia, e em cujas feições grosseiras lêra sempre o carinho, a voz rude, que fôra, durante os ultimos annos decorridos, como que o éco da sua voz. E tudo isso sentia, como que inconsciente, e uma vez, chegou, até, a chamar pelo Estevam.

— Não vem, está offendido, disse, triste, de si comsigo; e tem razão, tratei-o com desabrimento. Pedir-lhe-ei desculpa. E porque não? Ambos sômos velhos, quem sabe qual de nós verá o dia de amanhã! Ainda nos não despedimos um do outro; e era sensato o que disse o Estevam. Mas, tambem, para que me fui eu zangar com elle? Por causa da Elsbeth! Se eu tenho aquella vibora ainda inroscada no coração! O Estevam queria apenas dizer, que a uma boa filha assiste-lhe o dever de cuidar do pae, na velhice. Coitado, não se sabe expressar correctamente, cursou apenas duas aulas em Nagy-Enyed, os professores viam-n'o com maus olhos, acoimavam n'o de não perceber coisa nenhuma, e ahi está o motivo porque quasi nada aprendeu, e saíu da escola. Pobre Estevam!

Pegou no castiçal e dirigiu-se para os aposentos da criadagem, e com grande espanto seu, observou que a porta de communicação se achava apenas cerrada. Vieram ferir lhe os ouvidos a voz de Estevam, gemebunda, e os soluços da Maria coxinha.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

JOÃO JACINTHO TAVARES DE MEDEIROS

Ao illustre ornamento do fôro que o paiz acaba de perder com o seu passamento no dia 12 do corrente, já o OCCIDENTE tivera occasião de se referir no seu n.º 662 de 20 de maio de 1897, por occasião de dar á estampa um magnifico grupo dos congressistas que haviam tomado parte nas sessões do Congresso Penal, realisado então em Lisboa, e de que o dr. Tavares de Medeiros havia sido o vice-presidente do grupo portuguez.

Teve então opportunidade o registo do seu nome por ser o dr. Tavares de Medeiros quem mais havia influido e trabalhado para quo se reunisse em Lisboa esse congresso; escolha por tantos motivos honrosa para Portugal.

Tendo o seu berço na ilha da Madeira, doutorou-se em direito em Coimbra, em 1876, onde foi um dos mais laureados estudantes, fazendo um curso em que obteve as primeiras classificações em todos os annos.

Immediatamente lhe foi offerecido o logar de secretario geral do governo civil d'aquella cidade, cargo que o sr. Medeiros não acceitou por considerações politicas limitando-se a exercer o logar de administrador d'aquelle concelho, onde se demorou alguns mezes.

Desde então consagrou-se exclusivamente á advocacia, vindo para Lisboa onde abriu banca de advogado, fazendo parte do conselho geral penitenciario e da commissão de legislação estrangeira junto do ministro da justiça.

Tendo adquirido muitas relações com os homens mais eminentes na jurisprudencia dos outros paizes, permitiu-lhe essa circumstancia ser um dos fundadores da união portugueza do congresso de Direito Penal e o unico portuguez d'este congresso que assistiu ás suas sessões em Bruxellas, Berne e Christiania, sendo pela mesma razão o transportador da União a Portugal, propondo differentes membros portuguezes para fazerem parte do congresso, sendo a elle que o *Comité* central se dirigiu, como seu representante, em Lisboa, para se levar a effeito a reunião do congresso n'esta cidade.

Além d'isso o dr. Tavares de Medeiros foi o organisador e secretario geral do Congresso Juridico de Lisboa, em 1889 e tomou parte importante no Congresso Juridico de Madrid, de 1892, de que foi um dos seus presidentes, e pelo que mereceu a grã cruz de Izabel a Catholica, tendo sido agraciado, em 1889, pelo governo hespanhol com a commenda de numero extraordinario de Carlos III.

Renunciando a todas as funcções publicas e parlamentares que lhe podessem advir da politica, coartando lhe o seu modo de ver e de se manifestar livre e idependentemente de quaesquer suggestões partidarias, Tavares de Medeiros dedicava-se exclusivamente ao estudo da jurisprudencia, dando a publico as seguintes obras:

«O direito civil, segundo as decisões dos tribunaes.» 1878, 1 vol. de mais de 500 pag.

«Comentarios da lei das sociedades anonymas». 1886, id.

«Legitimação dos filhos adulterinos», memoria apresentada ao congresso juridico de Lisboa, em 1889.

«A Anthropologia e o direito», 1893, obra que foi traduzida em hespanhol pelo dr. Torres Campos, lente da Universidade de granada.

«Da reciprocidade internacional no cumprimento das obrigações civis». Memoria apresentada ao congresso juridico de Madrid, em 1892.

«Das Sttatsrecht des Konigreichs Portugal», trabalho que faz parte da collecção de direito publico do professor Marguardsen, da Universidade de Berlim.

«Le droit penal portugais», idem da «Legislação penal comparada», de Von Liszt, professor da mesma Universidade.

«Memoria sobre contravenções» apresentada no congresso de direito penal de 1897, etc.

Collaborou tambem, assiduamente, em varias publicações e revistas de jurisprudencia e de sciencias politicas e sociaes.

Em 1888 fez o capitulo das sociedades anonymas do novo Codigo Commercial, trabalho que foi traduzido em francez sob os auspicios da Sociedade de legislação Comparada.

Era membro do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Scienbias de Lisboa, da Real Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid, do Instituto Internacional de Sociologia de Paris, do Instituto Historico de Direito Romano da Universidade de Catania, do congresso de Antropologia Criminal, etc., etc.: cavalleiro de Christo, commendador de Carlos III, de Hespanha e grã-cruz de Izabel a Catholica, como acima dissemos.

MANOEL D'AZEVEDO COUTINHO

Este distincto militar fallecido no dia 26 de Maio, findo, prestou ao paiz relevantes serviços, mórmente no ultramar, aonde, em differentes commissões, deixou evidentes provas de as haver desempenhado com criterio, zelo, actividade e illustração.

Nascido em 8 de agosto de 1838 sentou praça aos 19 annos, em 12 de agosto de 1857, alistando-se na arma de infanteria.

Tendo completado o curso foi promovido a alferes em 30 de julho de 1858, a tenente em 25 de junho de 1867, a capitão em 1 de abril de 1874, a major em 31 d'outubro de 1884, a tenente coronel em 4 de janeiro de 1888, a coronel em 30 de dezembro de 1890 e a general de brigada em 23 de dezembro de 1898.

N'este posto commandou a 3.ª brigada de infanteria.

Serviu em infanteria 5 como tenente coronel onde commandou o districto de recrutamento e reserva n.º 3, sendo-lhe conferido o commando de infanteria 6, quando teve a sua promoção a coronel.

No posto de capitão foi para Macau e ali se conservou durante alguns annos, prestando n'esta nossa possessão, entre outros serviços dignos de registro, a montagem de uma bateria de artilheria de praça, trabalho executado com tão inexcedivel correcção que mereceu os louvores dos officiaes da especialidade.

Voltando á Europa, já promovido a coronel, foi collocado em infanteria 6, sendo d'ali transferido para infanteria 1.

Depois da derrota dos makolólos, Azevedo Coutinho foi escolhido para commandar a primeira expedição do exercito da metropole, destinada a Lourenço Marques, a qual, depois de se demorar ali algum tempo, se conservou na Beira mais de 8 mezes.

Esta expedição era composta de um batalhão de infanteria 1, uma bateria de montanha, a 1.ª companhia de artilheria 4, a 1.ª companhia do regimento de engenheria, e varios contingentes de outras armas.

Nomeado governador interino do districto de Lourenço Marques desempenhou-se d'essa missão com criterio, mostrando que a sua competencia não o limitava a ser util apenas a uma missão especial, mas a todas aquellas em que fosse preciso utilisar um espirito recto e illustrado.

Era condecorado com o grande officialato de S. Bento d'Aviz e commendador da mesma Ordem.

Tinha a medalha de prata da classe de bons serviços, medalha militar de prata da classe de comportamento exemplar e officialato da ordem de Cambodge.

Azevedo Coutinho era um dos officiaes mais considerados do nosso exercito, pelas suas qualidades de militar e de carater, que era o de um homem de bem.

DR. TAVARES DE MEDEIROS
FALLECIDO EM 12 DO CORRENTE

Recebemos e agradecemos:

Encyclopedia portugueza illustrada — Recebemos o fasciculo 225 d'este valioso diccionario universal, publicado sob a direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

O presente fasciculo contém 514 artigos e 17 figuras (Frontar a Funchal). Entre os artigos principaes d'este fasciculo, citaremos: *Fructo*, do sr. dr. Julio Henriques; *Fumante*, do sr. dr. Francisco Antonio Pinto e *Funchal* do sr. Jayme de Faria.

A edição é da empreza Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63, 1.º Porto. São correspondentes da empresa os srs. Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa.

Gazeta dos Caminhos de Ferro. — Continua publicando-se com a maior regularidade e sempre interessantissima quer na sua parte official quer na noticiosa, scientifica, financeira, estatistica, etc.

O commercio e a industria portugueza continuam tendo n'esta publicação um vasto repositorio de consulta utilissimo, cuja acquisição se lhes torna indispensavel.

A Tradicção. — Temos recebido mensalmente esta revista ethnographica portugueza illustrada, de que são directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes. A Tradicção publica-se em Serpa e a sua collaboração é escolhida entre os nossos homens de lettras mais em evidencia.

Açores-America. — Vae dentro em breve publicar uma folha supplementar em cada numero, contendo 8 paginas do romance de Camillo Castello Branco, *Os mysterios de Lisboa*.

GENERAL MANUEL D'AZEVEDO COUTINHO
FALLECIDO EM 26 DE MAIO